

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR : GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde: Per anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 13200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 12000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Conselheiro Jacintho Candido da Silva

NACIONALISMO

de presente data este nome entre nós, e a organização de um partido nacionalista. Fóra de Portugal, na Inglaterra e nos Estados Unidos da America o nacionalismo é antithese de imperialismo. Aquelle indica o agrupamento dos cidadãos, que entendem que as nações não devem procurar uma expansão, que prejudique as outras, e o seu dever é governarem-se bem, tornando felizes os povos. O imperialismo, pelo contrario, indica a absorção de outros povos e o alargamento illimitado de territorios e de influencia. Este teria por limite a unificação de toda a raça humana em um só imperio. N'elle sonham ha muito os estadistas inglezes; recentemente os americanos, depois que conquistaram as Filipinas, arrancadas á Hespanha pelos meios que todos conhecem.

O nacionalismo entre nós é uma tentativa de organização politica, tendo por principio fundamental a observancia da Religião catholica apostolica romana, e o respeito pelas liberdades da Igreja.

E' aceitavel e util este principio fundamental?

Incontestavelmente o é; a religião catholica é verdadeira em si, é a base de toda a moral, e a politica que daqui deriva ha-de ser necessariamente util á sociedade.

A Igreja é a depositaria da fé, da doutrina e da moral; não admittre nem pode admittir superioridade no seu ensino; logo ella precisa de liberdade, e por isso deve ser respeitada.

Para que todavia tenha razão de ser a tentativa de agrupamento, com esta base fundamental, é mister que se prove que não existem já outros agrupamentos com o mesmo lemma. Ora em Portugal existem partidos activos militantes que tem governado e governam ainda. Se esses partidos satisfizerem ao mesmo fim, é escusado apresentar um novo agrupamento, que só pode distinguir-se pelas pessoas e não pelas ideias.

Os factos mostram que nenhum d'esses partidos, que se tem succedido no poder, aceita como ponto de partida a supremacia da religião catholica e da Igreja, contrariando-as constantemente na sua acção, expansão e influencia.

Não querendo fazer historia sobre esta affirmacão, que nos faria retrogradar muito além da guerra civil dynastica, refiramo-nos unicamente a tempos recentes.

Ninguem põe em duvida que, sob apparencias respeitadas, desde muitos annos os governos contrariam as justas liberdades da Igreja, e por vezes os homens, affectos ao systema constitucional, mas sinceramente catholicos, tem pensado em organizar forças, que garantam os direitos da Igreja.

Ha alguns annos assisti eu a uma conferencia d'esta ordem em casa do fallecido conde do Casal Ribeiro, José Maria do Casal Ribeiro, e ahí se assentou que parlamentarmente se desse inicio a uma campanha reparadora. Para tomar-lhe a dianteira era asado o extincto estadista, porque tinha independencia, posição, prestigio e talento. Já então o seu estado de saude era máu; continuou a peorar, e veio a morrer em Madrid, assistindo a uma commemoracão em honra de Alexandre Herculano.

Malogrrou-se esta tentativa, que não chegou a tomar corpo. O mal era conhecido, mas os seus effeitos eram mascarados por uma tolerancia socegada, que deixava atormentados os que comprehendiam a sua inconveniencia.

A Igreja continuava manietada, sob a tutela politica, a sua sujeição completa; mas era consuetudinaria esta situação, e como a sua acção salutar se ia desenvolvendo

pelos diversos meios de que ella dispõe, ninguem se lembra de que era preciso oppôr obstaculos á politica que assim procedia.

Sobrevieram porém os deploraveis acontecimentos de Fevereiro e mezes seguintes de 1901, ao alvorecer do seculo 20.º e então se reconheceu que o estado antecedente não era a tolerancia e a liberdade, mas sim uma tregua armada por parte dos oppressores e desarmada pela dos opprimidos.

Os chamados partidos de rotaçãõ, cuja antinomia é meramente apparente e combinada, deram-se as mãos, e fizeram essa algazarra e vozeria, que por ahí ouvimos, pondo em movimento todas as forças anti-catholicas, em todos os baluartes que ellas guarnecem. A imprensa obedeceu ao nuto, que lhe deram, e durante mezes vomitou injurias, falsificou a historia, desprezou a verdade e inventou cousas que nunca existiram, taes como leis que se forjaram como sendo veridicas.

Reconheceu se então que os elementos catholicos muito mais numerosos do que os contrarios, a grande maioria em frente de uma diminuta minoria, era completamente suplantada e não só se atacava impunemente a sua liberdade, mas a sua consciencia.

Procurou-se resistir a esta agitaçãõ propositada, que o governo protegia, procurando dominal-a, por meio de mensagens, representações e deputações; mas, como não havia uma organizaçãõ regular, estas manifestações não assumiam toda a imponencia da opiniãõ publica.

O governo adoptava a doutrina dos que tumultuavam, considerava-a como corollario das liberdades publicas, e em nome d'ellas vexava a verdadeira liberdade de consciencia.

Viu-se então que todos se arreceavam das consequencias. Por um lado o governo não cessava declarar-se abertamente hostile á religião e á Igreja, porque n'esse caso teria de declarar o Estado sem religião alguma, e fazer-se perseguidor, o que era perigoso; tambem não ousava contrariar os pseudo liberaes, porque d'elles dependia; e pelo seu lado os catholicos desagregados sentiam-se fracos para uma lucta bem dirigida.

Surgiu então a idêa de se organizarem as forças catholicas, com o fim de obrigar os governos a respeitar a primeira das liberdades, a liberdade de consciencia e das suas manifestações legitimadas.

Mas a breve trecho appareceu a derrocada financeira, que trouxe a lume o convenio. Não era no convenio que estava o mal; a necessidade d'elle ou de outro qualquer é que revelava o errado, funesto e tortuoso caminho da governaçãõ publica durante largos annos. Apresentava-se o empenho do paiz em 425 mil contos de divida interna, 250 mil contos de divida externa e 50 mil contos de divida fluctuante, com numerosos e onerosos encargos e compromissos do Estado.

Então de toda a parte soltaram se brados de espanto e terror, e se articulou a phrase—de vida nova—

N'este grito tomaram parte os mesmos partidos rotativos, que na integral dos seus meios de governo viam a extensãõ dos seus erros.

Mais se accentuou então na opiniãõ publica a necessidade de uma organizaçãõ politica, que, tendo por base os verdadeiros principios da salvaçãõ do estado, os desenvolvesse nas suas consequencias.

Eis a genese do nacionalismo, que não é um grito de guerra contra nenhum partido, mas a regeiçãõ dos meios consuetudinarios e a erecçãõ de outros reparadores.

Para o tornar pratico todavia, era mister que alguém tomasse a iniciativa, e essa realisou-se por um grupo de homens já experimentados, de posição e resoluçãõ.

Entre estes coube logar saliente ao senhor Conselhei-

ro Jacintho Candido da Silva, antigo Ministro da Marinha e Par do Reino.

Como disse acima, quando as circunstancias eram menos graves, pensou em tomar essa iniciativa o fallecido Conde de Casal Ribeiro. Mais tarde laboraram na mesma idéa os tambem fallecidos conselheiros Barros Gomes e Jeronymo Pimentel.

O mal vem de longe e o remedio é indispensavel.

Hoje, que entre outros, o senhor conselheiro Jacintho Candido apparece em campo, desde o parlamento, pela imprensa, até ao comicio, a advogar a idéa, que anda na cabeça de muitos, senão de todos, é chegado o momento de trabalhar para tornar a pratica.

Essa idéa nobre, generosa, patriotica todos a podem acceitar sem desdouro, sem quebra de fé, sem que a consciencia se revolte. Todos a podem servir, para todos é vasto e aberto o campo.

O unico scopo, que deve ter se em mira, é a patria; para servir-a lealmente não faltarão cidadãos vindos de quaesquer campos politicos.

O estadista distincto que arvorou o estandarte ficará, sem duvida, contente por haver praticado esse acto de patriotismo.

Não lhe correm, sem duvida, ambições de commando e governo; mas corre-lhe a obrigação de não abandonar a campanha até que se consiga victoria.

O nacionalismo não é, nem pode ser outra cousa senão a liberdade religiosa e a salvação do paiz por meio de um governo, que seja inflexivel na moral, administrador severo e devotadamente patriótico.

CONDE DE SAMOÛÃES.

SI ISTI, CUR NON NOS?

Immortal Pontifice, que tão brilhantemente preside aos destinos da Igreja catholica, cuja sabedoria e erudição são attestadas pelas suas numerosas encyclicas e cuja inspiração poetica é admirada em suas numerosas poesias, ao saudar o seculo actual, escreveu alguns versos, cuja tradução é esta:

Jesus, que do futuro és arbitro sublime.
Pra o seculo que nasce abaixa o olhar e imprime
Seu divino querer nas almas revoltadas,
Obrigando-as a ir por melhores estradas;

Nos corações a paz, como o trigo nas terras
Semeia, e que o furor, as sedições e as guerras
Acabem finalmente; e a fraude, bicho imundo,
Esconda-se a tremer no inferno mais profundo.

N'um só pensamento os reis todos se unam.
E pelas tuas leis unicamente punam.

N'estes versos de Leão XIII eu vejo para a sociedade portugueza o prenuncio das melhores esperanças. Ainda não tinha passado um anno da publicação d'esta poesia, quando, após muitos desvarios, um grupo de homens, de boa vontade, lançam as bases para a fundação d'um novo partido politico, que, norteado por um só pensamento, viesse guiar os homens por melhores estradas.

Catholicos sinceros e patriotas—elles desfraldaram uma bandeira que tem por lemma—religião e patria. E estas duas palavras devem constituir esse unico pensamento de Leão XIII, e este unico pensamento enca-minhará os homens por melhores estradas.

Saudemos, pois, os organisadores do partido nacionalista e, se elles emprehenderam missão tão importante e salutar, porque os não seguiremos?

Catholicos portuguezes, meditemos estas palavras, que Kannengieser, fallando dos allemães, apresenta á consideração de todos: *Si isti, cur non ego?*

Se os organisadores do Centro assim procederam, porque os não seguiremos? Porque não nos alistamos já em volta da bandeira desfraldada?

Avante.

Si isti, cur non nos?

Porto, 20-VIII-1902.

A. FERREIRA PINTO.

ABRAÇAE O NACIONALISMO

Se amaes a vossa patria, que foi vosso sagrado berço e será vosso eterno tumulo; se amaes o bulicio de vossas cidades e a paz de vossas aldeias, o ameno de vossos campos e o poetico de vossos valles, o remanso de vossas praias e o prateado de vossos rios, a fertilidade do vosso solo e o azul do vosso ceu; se amaes as tradições piedosas de vossos paes e a cruz de vossos templos, as perolas da vossa antiga litteratura e as glorias de toda a vossa antiga historia; se, n'uma só palavra, amaes a vossa *Patria* e aborreceis tudo que é causa de sua ruina;—abraçae o nacionalismo portuguez, que abraçareis uma causa santa e patriótica.

DOM PRIOR MANOEL D'ALBUQUERQUE.

Snr. Director d'“O Progresso Catholico,,

DESEJA V., senhor director, publicar um numero especial do seu bem conceituado periodico em homenagem ao *partido nacional*, e ao Conselheiro Jacintho Candido, um dos mais distinctos chefes do novo partido.

Mil louvores e mil agradecimentos.

Acceita V. o meu pequeno concurso?... Possò affirmar que o presto da melhor vontade; tambem sou soldado d'este partido, eu, que nunca quiz metter-me na politica partidaria que alternadamente nos tem governado.

—Mas o que é o partido nacional?

—E' um partido politico que aspira a governar a Nação, quando fôr sufficientemente forte.

—Tem o novo partido um programma, ou propõe-se viver de expedientes, como os outros?

—Tem um programma que muito bem se synthetisa em duas palavras: Religião e Patria.

—Os outros partidos não se dizem tambem catholicos? Não somos todos catholicos?

—Homens de sentimentos catholicos ha-os em todos os partidos e fóra dos partidos, mas isso não basta... Quem disser que a politica em Portugal tem respeitado a Religião e a Igreja, falta á verdade.

—E não serão pelo menos patriotas os outros partidos?

—Os factos ahí estão. Portugal está pobrissimo, não pôde pagar as suas dividas, o povo geme debaixo do peso dos tributos e os nossos governantes continuam inflexivelmente a augmentar as despezas e a aggravar os tributos,

—Em que se fundam as esperanças dos nacionalistas para virem a constituir um partido forte, apto para governar?

—Fundam-se na auctoridade, na dedicação e no zelo dos illustres chefes que estão á frente do partido; fundam-se no já avultado numero de correligionarios em todo o paiz; fundam-se em que os homens que teem andado affastados dos partidos de rotação, se hão de convencer da necçssidade de se unirem a nós; fundam-se em que os homens honestos dos partidos politicos se hão de desgostar e revoltar contra os erros e desacertos dos grupos a que pertencem, e hão de acabar por entrar no partido nacionalista; fundam-se na imprensa seria, que já conta um bom numero de periodicos affeioados ao nacionalismo.

—Mas os adversarios são muitos...

—São muitos, não ha duvida. Os primeiros inimigos são os partidos de rotação que nos fazem guerra sem tregoa. Vem depois os ambiciosos e os egoistas, assim como os de vista curta que preferem o bem material da sua povoação, ou quando muito do seu concelho, ao bem moral e material de toda a Nação; mas ha de lutar-se com coragem, com perseverança, com sacrificio e, succeda o que succeder, ficará a consciencia de haveremos cumprido o nosso dever.

—O partido nacionalista é clerical, quer o predominio da classe clerical?

—E' tão clerical como os partidos de rotação, porque n'estes ha tantos, ou mais padres que no partido nacional.

—E' um partido reaccionario?

—Os termos reaccionario e reacção são muito vagos; cada qual os emprega no sentido que bem lhe parece. Se querem dizer que reaccionario significa inimigo da liberdade, ahi temos nova difficuldade para apurar o sentido da palavra liberdade. As legitimas liberdades do povo o partido nacional está tão longe de as contrariar que por ellas pugna e pugnará sempre.

—O que é necessario para que cresça o partido nacional?

—Primeiramente é necessario união. Ponham-se de parte pequenas divergencias, ideais secundarios, questões de pessoas; attenda-se ao principal, o interesse da Religião e o da Patria.

Depois haja muita dedicação, muito zelo, muita abnegação, sobretudo muita confiança nos chefes. Começando a desconfiar uns dos outros está tudo perdido.

—Mas os chefes superiores do partido merecem confiança?

—Sem duvida que merecem. Os chefes principaes são bem conhecidos, os jornaes tem publicado os nomes; mas os que mais se salientaram foram os Dignos Pares do Reino, Conselheiro Jacintho Candido e Conde de Bertandos, cavalheiros de toda a respeitabilidade e da mais alta competencia.

Os seus discursos na Camara dos Pares foram importantissimos; oxalá que alguém se lembrasse de os publicar, com licença de Suas Excellencias, para propaganda. (1) Faria com isso um grande bem á causa do partido nacional, que é a causa da Religião e da Patria... O partido nacionalista está nos seus principios; ainda muitos o não conhecem; poucos são, relativamente fallando, os que sabem o seu programma; os prejuizos

zoz a seu respeito pullulam por toda a parte; foi por estas razões que escrevi o que deixo dicto, e pela forma por que o deixo, em homenagem ao partido nacional, ao Centro Nacional e aos seus chefes. Se acha, senhor director, que merece ver a luz da publicidade muito folgarei.

De V., etc.
muito venerador

Braga.

MGR. MARIZ.

ESTA no nosso districto, ha dias, em Entre-os Rios, um dos mais prestigiosos chefes do nacionalismo, o Conselheiro Jacintho Candido.

Não lhe tem faltado, por parte dos seus correligionarios, demonstrações de consideração e estima, onde, atravez das deferencias que a virtude manda render ao talento e ao caracter, vibra, saliente e sentida, a onda do entusiasmo e d'uma fé viva no successo, que a todos assegura a actividade, o tino e a inquebrantavel firmeza, com que, nas conferencias que conosco tem tido, a sua palavra quente e sincera sabe dizer o que quer, como o quer e porque o quer.

Tendo sido attrahido, como auxiliar, ao campo onde S. Ex.^a trabalha a favor dos altos interesses da Religião e da Patria, pela confiança que, em os nomes prestigiosos d'entre os chefes do nacionalismo, me inspira o honrado nome do Conselheiro Jacintho Candido, aproveito esta occasião para lhe apresentar publicamente a homenagem respeitosa da minha profunda admiração.

Havendo S. Ex.^a abandonado fileiras, onde a consciencia lhe não permittia continuar e, perdendo, por isso, altissimas posições, que trocou pelos trabalhos d'uma lucta, onde o successo, quando vier, será ao termo de muitos mezes, por ventura, d'alguns annos de trabalho, e salientando, eloquentemente, o conselheiro Jacintho Candido, em todas as occasiões, que o nacionalismo é, na politica futura, na administração publica, a antithese do personalismo, o qual é a caracteristica dos partidos de rotação, é bem de vêr, para todos os animos imparciaes e rectos, que as aspirações do seu alto espirito não são outras senão servir os altos ideaes do seu credo; e assim elle nos ensina a todos, constitucionaes, legitimistas e republicanos, que, de diferentes partes, teem vindo commungar aqui nos mesmos ideaes, que todos os combatentes aqui tem logar, desde que, disciplinados e fieis ao commando, nenhum tenha outra aspiração senão a causa commum, e nunca servir-se d'ella, ou para outros effeitos politicos ou para vantagem pessoal.

Obedeçam e auxiliem pois os que governam, os que, por caracter e dignidade propria, não podem dirigir, sem governar; e mandem os que, estão no dever de o fazer, quando o talento, a experiencia e o caracter os levanta no conceito publico, e as suas opinões doutrinarias lhe permitem lealmente fazel-o dentro das instituições, que o paiz tem.

O conselheiro Jacintho Candido, uma das maiores esperanças do novo partido, está naturalmente indicado para mandar.

Que, para bem da nossa patria, isso venha a realizar-se cedo, são os votos ardentes d'um soldado, não mais do que um soldado, da nobre causa da Religião e da Patria, de que elle é um dos paladinos mais distinctos.

Foz, 29 d'Agosto de 1902.

MANOEL GUIMARÃES PESTANA DA SILVA.

(1) Os discursos do sr. conselheiro Jacintho Candido, pronthiados na Camara dos Pares durante a ultima sessão parlamentar, foram publicados em folheto por s. ex.^a e largamente espalhados por todo o paiz. (N. da R.)

CONSELHEIRO JACINTHO CANDIDO

PEDEM-ME um artigo em honra do conselheiro Jacintho Candido, e eu que o olho com funda sympathia e admiração pouco posso dizer d'elle, porque inimigo das chronicas parlamentares e sem confiança nas gazetas de partidos — as imparciaes vivem pouco — nem sequer leio as referencias aos homens publicos.

Tenho-o, porem, na conta d'um homem de bem, distincto, honrado, intelligente, orador agradavel, escriptor de merito, de convicções rectas e firmes. Sei que assignalou a sua passagem na pasta da marinha por medidas de notavel valor e que teve coragem bastante para afirmar os seus sentimentos religiosos.

E' um homem de convicções e de crenças, e isto constitue o seu supremo elogio n'estes desolantes tempos de definhamento de caracteres.

Alem d'isso, como padre, que sou, tenho prazer e certo desvanecimento em prestar homenagem ao prestigioso Chefe do partido nacionalista, que podendo seguir com segurança a sua luminosa carreira politica no campo em que militou, lucta com os inimigos da ordem e do verdadeiro bem nacional, que o apodam de reaccionario, coisa humilhante no dictionario jacobino.

Está em boas mãos a direcção do movimento nacionalista e são muito sinceros os votos que faço para que triumphe esta causa sob a influencia d'um chefe tão auctorisado.

DR. CUNHA GUIMARÃES.

CONSELHEIRO JACINTHO CANDIDO

Cu não tenho a honra de conhecer esse grande vulto da politica portugueza, apesar de ter já empregado esforços para ouvil o discursar n'uma reunião que ha annos se realisou em Braga, por onde s. ex.^a se propunha candidato a deputado. Mas, infelizmente, não pude ter ingresso na sala onde elle discursava, porque estava litteralmente apinhada de povo.

Era para mim duplamente sympathico, pois que o dr. Jacintho Candido era regenerador e, ao mesmo tempo, dedicado amigo do clero, do que deu evidentes provas quando ministro da marinha e ultramar. Creio que foi elle o que restabeleceu os capellães d'armada, supprimidos pelo seu antecessor, e isto a titulo de uma economia bem mal entendida...

Alem de muitas outras bellissimas qualidades, que — segundo me consta — tanto ennobrecem o seu character, bastaria só esse acto para captar as minhas sympathias, para se impor ao meu respeito e á minha consideração.

Os nacionalistas escolheram o para seu chefe e, a meu ver, procederam acertadamente, porque homens d'aquella estatura moral e politica não se encontram com facilidade, sendo certo que um logar tão elevado e de tanta responsabilidade não podia ser bem desempenhado por qualquer outro que não tivesse a abonal-o tão bons precedentes.

Presto, pois, a mais sincera homenagem ás distinctas qualidades de que é dotado o ex.^{mo} sr. conselheiro Jacintho Candido, illustre e notavel estadista, cujos sentimentos catholicos são a mais segura garantia do novo partido, que se propõe luctar em pró da Religião e da Patria.

Cabeceiras de Basto, 28—VIII—902.

CONEGO BARROSO.

PERFIL

ALMA aquecida pelo sol ardente da crença; coração patriota e devotado ás mais alevantadas causas; intelligencia d'eleição; energica e firme vontade que actua e se faz sentir docemente: taes os traços mais salientes que caracterisam Jacintho Candido da Silva.

Quem d'elle tem a felicidade de se acercar, quem tem a dita de o conhecer de perto, sente-se attrahido, como que empolgado, fascinado pela suave luz que anima a insinuante physionomia, d'essa luz que é o reflexo interior da sua alma límpida; sente a suggestão da palavra que lhe decorre tranquillamente e quente, facil e brilhante.

Em todo o seu trato, conversa e exposições, quaesquer que sejam os seus assumptos, sempre n'elles se revela o homem de altos ideacs, de opiniões sinceras e desinteressadas, sempre se nos depara o homem tendo por luzeiro a intensa fé, a convicção profundamente christã; em todos os seus actos tudo isto transluz.

Taes os brilhantissimos dons que o exaltam, e fazem com que deixe na sua carreira politica um scintillante rasto, como que uma constellação radiosa.

Temos só a agradecer á Providencia que, no actual e solemne momento historico, nos suscitou um homem como Jacintho Candido da Silva, que personalisa o grandioso ideal, a alta aspiração da Patria Portugueza, assente no pedestal diamantino da Religião; temos só a vêr, n'este immenso beneficio, a especial protecção do Eterno, que nos momentos angustiosos da nossa patria, sempre nos dispensou, como o é claro testemunho o desenrolar de mais de sete seculos das prodigiosas e immorredoras paginas da historia de Portugal.

Estas descoloridas e desataviadas palavras dão uma pállida idéa, traçam um grosseiro esboço, do nosso prestigioso Chefe; manifestam, mal deixando actuar a nossa grande admiração e respeito, a profunda impressão pessoal que nos causou um dos mais intensos luminaires, a mais viçosa esperança do Nacionalismo.

LEMON FERREIRA.

Conselheiro Jacinto Candido da Silva

CONHECI-O precisamente ha cinco annos, junto á gruta da Virgem Immaculada de Lourdes, onde tudo convida á contemplação do sobrenatural.

Figura insinuante, attractiva, patenteando as bondades do seu coração a todos os que o tratavam.

Vinha de fazer parte d'uma situação politica, presidida pelo chefe d'um dos grandes partidos de rotação, o que para mim constituiu o unico defeito que então lhe encontrei. Tive, porém, mais tarde, de corrigir meu engano, porque o sr. Conselheiro Jacinto Candido, mesmo enquanto militou n'um partido, não se deixou inquinhar na onda da ambição e venalidade, a que só por milagre se resiste.

Ao contrario, o seu plano de reorganisação do nosso ainda vasto dominio colonial, e o augmento da nossa marinha de guerra demonstraram que a sua passagem pela pasta da Marinha correspondia á aspiração que aquelle bom portuguez abrigava de servir devotadamente a sua Patria, remontando aos tempos gloriosos de Vasco da Gama e de Cabral.

Mas o sr. Conselheiro Jacinto Candido tambem teve os seus desenganos, e a breve trecho reconheceu que não era alli

que o seu grande coração havia de servir a Patria. Chamava o a Providencia a mais altos destinos.

Aquelle character de leal portuguez, impolluto e incorruptivel, aquella alma desinteressada e grande, aquella vontade energica e resoluta, aquella genio activo e comprehendedor estava talhado para bem ardua empreza, que não podia ser executada no recinto acanhado da politica interes.eira, sem principios, sem idéas, sem moral, sem ordem, sem patriotismo.

*
* *

Mas o sr. Conselheiro Jacinto Candido era um christão convicto. E a fé que aquilata os corações naturalmente rectos e honestos, produziu n'elle o que pode chamar se—zelo pela verdade, odio á mentira e burla nauseabunda.

Não é impunemente que se fere um individuo no sentimento religioso.

Foi este o motivo determinante que levou o sr. Conselheiro Jacinto Candido a praticar um acto heroico: porque heroismo é romper com o seu partido de sempre, com os seus antigos amigos politicos.

Mas rompeu, porque assim lh'o pedia o amor da Patria, a dignidade pessoal e a propria consciencia. E rompeu, para se não manchar, não já com os sete, mas com os dezeseis peccados mortaes da vida velha, e logo lhes contrapoz as dezeseis virtudes contrarias—as unicas que hão de salvar a Nação—desde «a franqueza, a verdade e a moralidade», até ao «nacionalismo, o patriotismo, idéas e principios.» E se os homens se medem pelos seus ideaes, o sr. Conselheiro Jacinto Candido é grande, porque grande, muito grande, é o ideal que o apaixonou.

Com seus eloquentes discursos na camara alta, este digno Par rasgou novos horisontes, abriu caminhos rectos e seguros, ao desfraldar a bandeira do Nacionalismo.

Teve a coragem de proclamar aos partidos da rotação a falsidade de seus velhos processos, e de declarar ao paiz inteiro, ludibriado, a necessidade de processos novos.

E quebrando todas as difficuldades que se lhe antolhavam, vencendo respeitos humanos e sacrificando commo-didades, sua ex.^a tornou-se uma figura culminante, primacial, do Nacionalismo Portuguez, que decide os irresolutos, comunica alento aos fracos e convence os descrentes; capaz de fazer vingar, emfim, uma causa que tem por si a justiça, a verdade e o amor da patria infeliz.

Por isso o seu nome é proclamado com entusiasmo por todos aquelles que alimentam a esperança fagueira, aliás fundamentada, de melhores dias para a Patria, arrastada á borda do abysmo por filhos desnaturados que lhe beberam o sangue, e querem atirar com seus restos mortaes á voracidade insaciavel de filhos não menos desnaturados.

*
* *

Repetia-se por ahi a cada passo: «Não ha quem nos commande. Para que alistar-nos, se não temos chefes?»

Ahi os temos. Fizeram sua profissão de fé. Agora é mister que elles não tenham de perguntar por seu turno: «Onde estão os soldados?» Os soldados?... Soldados serão todos os amigos da Religião e da Patria. E debalde se chamarão amigos d'uma e doutra, se, de braços cruzados, se deixarem ficar em casa.

Todos são convidados para a lucta. Já não tem logar o scphisma, commodo, por certo: «Eu nunca foi politico. Tão pouco o serei agora.»

Ser politico, ao serviço de partidos renegados da fé christã e traidores á Patria, quando a Patria agonisa, a Religião santa é perseguida e seu augusto chefe desacatado, é um crime.

Abster-se de cooperar n'm partido catholico e patriota—a unica esperança que nos resta—é outro crime.

Pecca-se por commissão, pecca-se por omissão e retrahimento cobarde ou egoista, que tambem é uma especie de cooperação criminosa, punida pelas leis moraes.

Bem haja, pois, o sr. Conselheiro Jacinto Candido, que teve a coragem de cumprir o seu dever de christão e de patriota.

Este exemplo é uma lição que não pode ser esquecida, porque representa a abnegação e o sacrificio—virtudes tão raras e quasi excepçoes na sociedade dos nossos dias!

E' destes por quem veio a salvação a Israel. E se nas grandes crises basta um homem, para salvar d'uma situação desesperada, convergem n'este momento todas as atenções para o sr. Conselheiro Jacinto Candido, como para o vulto proeminente, destinado a executar essa obra relevantissima da regeneração politica e religiosa da nossa estremecida Patria.

Porto, 24 de agosto de 1902.

PADRE ANTONIO MANOEL DA SILVA PINTO ABREU.

ASSOCIO-ME cordalmente a esta homenagem d'«O Progresso Catholico» prestada ao sr. conselheiro Jacintho Candido da Silva, que bem a merecia do paiz inteiro pela nobilissima attitude que assumiu na presente crise, que afflige o povo portuguez.

Na situação desgraçada a que nos levavam os partidos liberaes, com duas fallencias vergonhosas no curto praso de dez annos; n'este lance profundamente doloroso, que esgota a sensibilidade e a nobre altivez da raça portugueza; ante esse espectáculo tristissimo de um povo na agonia desamparado de leaes defensores; dá-nos aquelle illustre estadista um exemplo superiormente bello e patriotico, expondo na camara alta, de que é um dos melhores ornamentos, o seu plano salvador da pavorosa crise, em que nos achamos.

Quando a maior parte de pares e deputados emmudeceu ou se bandeou com a hoste faminta dos politicos, ergueu a sua voz auctorizada o preclarissimo portuguez, para expor com a sua provada competencia esse corpo de doutrina, que corre impresso em dous opusculos, sob titulos—*Resposta ao discurso da corôa—e—vida velha—vida nova*, largamente applaudido e louvado em todo o paiz.

Orientado pelos principios do *nacionalismo nascente*, expostos na *circular* dirigida ao paiz em 1901, acudiu tambem em defeza da boa causa o intemerato snr. conde de Bertandos, que junta ao seu formoso talento um character diamantino. Honra e gloria a estes dous illustres proceres, que tão grandes serviços prestam na moderna cruzada do bem!

Pois como ia dizendo, esse acto de coragem do sr. conselheiro Jacintho Candido de afirmar solemnemente principios e processos de administração publica, que matam o regabofe dos liberaes, dá-nos uma prova eloquente da hombridade e nobreza do seu character. Vemos que tem fé nos principios que defende, e que não se prende aos respeitos humanos. E' um espirito superior, que não vive de força alheia; e guiado por um altissimo ideal abre uma lucta indispensavel para salvar o patrimonio portuguez. Ponha os olhos o nosso clero n'este exemplo salutar, que nos dá um leigo de posição tão elevada, renunciando a honras e a benesses e rompendo com amigos de alta cotação politica, para seguir o ensino do glorioso Leão XIII aos catholicos de todo

o mundo. Não queira o clero a terrível responsabilidade de travar pela sua contumacia no erro o movimento nacionalista. Lembre-se da sua alta missão na sociedade, e de que não ha obra boa que não importe sacrificio.

Sursum corda! Entremos todos que temos fé n'esta campanha civilisadora, iniciada pelo distincto homem de estado, cujas altas qualidades este jornal regista hoje com louvor e admiração. Só assim nos libertaremos d'esses desalmados politicos liberaes, que falsificaram o voto, as leis, a economia e o credito nacional, tudo que havia de bom no Portugal velho.

E falsificados os caracteres dos homens, que andam no mercado politico, todos deviamos esperar sem grande admiração, a falsificação do pão, do vinho, do azeite, de heranças, de tudo isso que ahi levanta agora uma opposição platónica, que amanhã se extingue por força das conveniencias partidarias!

Ainda não têm razão os nacionalistas? Ah! os crimes e erros dos liberaes justificam plenamente a união dos catholicos.

JOSÉ DE AZEVEDO E MENEZES.

Jacinto Candido e os seus partidarios

Não ha nada que concorra mais para a força e cohesão n'um partido politico como o estreitamento de relações pessoases entre os seus dirigentes e os que combatem pelo mesmo ideal. Convencidos d'isto, não é raro verem-se os chefes das diversas parcialidades, quer estejam no poder, quer na opposição, aproveitarem todas as occasiões de se approximarem dos seus correligionarios. D'ahi as viagens ministeriaes, os jantares politicos, as recepções faustosas.

Podendo ter tudo isso apparece nos agora modestamente em o norte, um homem que, se não tem a sauda-lo as honras officiaes ou as aclamações estrondosas, que nunca faltam aos que dispõem do cofre das graças e dos empregos, tem todavia encontrado a sympathia e adhesão de todos aquelles que, desenganados dos velhos processos de administração, que conduziram o paiz á ruína, esperam d'um novo partido, não o assalto do poder, mas a orientação da vida publica portugueza em bases seguras de moralidade.

O homem a quem me refiro e a quem se presta esta homenagem é o snr. conselheiro Jacinto Candido da Silva. Os serviços prestados na ultima sessão parlamentar por este illustre estadista não só ao Centro Nacional, de que é prestigioso chefe, mas á nação, pugnando na Camara dos Dignos Pares pelos interesses mais sagrados da patria, sem facciosismos e sem personalismos, fizeram com que muitos admiradores dos seus alevantados dotes politicos anceassem por conhecê-lo de perto. Não perdeu com a aproximação, porque os admiradores converteram-se em amigos, tal é o modo captivante como depressa conquista os que teem a honra de o tratar.

Tudo quanto de elogio se dissesse d'este eminente homem publico, ficaria muito áquem dos seus merecimentos, e dos sacrificios que se impoz, cortando abertamente, lealmente, dignamente, os laços que o prendiam a um forte partido de rotação, em que tudo indicava que não attingira ainda o logar mais elevado da sua carreira ascensional, que já era brilhantissima, para se collocar com outros companheiros de igual valor e dedicação, á frente d'um partido, que então era uma aspiração, e que hoje já é uma realidade.

O que quer esse partido sabem-no todos pelos discursos

parlamentares do snr. conselheiro Jacinto Candido; o que elle vale dizem no as criticas apaixonadas dos que se sentem incommodados com a sua expansão; o que elle tem conseguido, sem nada dar, e nada prometter, é o facto mais admiravel da nossa vida politica; e ás accusações de intolerancia dos adversarios respondeu-lhes ja victoriosamente, e poderia repetir-lhes o que ha mais de meio seculo disse no parlamento francez um dos seus maiores oradores: «Levantou-se no meio de vós uma geração d'homens que não conheceis. Que os chamem neo-catholicos, clericais, ultramontanos, o nome não faz ao caso. E' um facto».

Essa geração tomaria apropiadamente por divisa o que no seculo dezoito dizia o manifesto dos generosos polacos que resistiram a Catharina II: «Nós amamos a liberdade mais que tudo no mundo, e a religião catholica mais ainda que a liberdade!»

Não somos nem conspiradores nem transigentes. Não nos encontramos nem nas sedições nem nas antecamaras; somos estranhos a todas as vossas colligações, recriminações e luotas de gabinete e de partido.»

Mas havendo o direito de assim affirmar as convicções politicas e religiosas de todos os partidarios do snr. conselheiro Jacinto Candido, ninguem tambem usará contestar lhes o de exclamarem com o orador já citado:

«No meio d'um povo livre, não queremos ser ilotas».

ILDEBRANDO.

HOMENS...

PRECISAMOS d'elles: se não acodem homens de rija tempera, dentro em breve tudo serão ruinas. Quasi oitenta annos de regimen constitucional liquidaram n'isto: a *débacle* ruínosa de quanto é alevantado e digno e honesto e patriótico; a glorificação correlativa de todas as baixezas, infamias, immoralidades e egoismos. O paiz, asediado por essa legião de sangue sugas que lhe exhauriram as forças do thesouro n'um regimen de compadrio e sinecuras, em que o merecimento é nada e a protecção é tudo, em que ha despezas inuteis e necessadas inadiveis, reclama intelligencias robustas, vontades energicas e perseverantes, braços vigorosos que saibam conjurar males de si tão complexos, que se apaixonem por essa empreza patriótica e tenham força bastante para a levar a cabo.

O paiz precisa de homens como o conselheiro Jacinto Candido que arrastado pela sua consciencia, num impulso tão nobre quanto incomprehendido abandonou as fileiras d'um grupo politico que tanto enalteceu com o prestigio do seu nome e do qual podia receber pingues retribuições para organizar um partido novo que neste desfazer da feira da politica portugueza representa o núcleo do bom senso e a unica esperança de salvação. Triunphará? Faltam lhe homens—dizem. Mas se o paiz os não tem...

Vianna, 28 d'Agosto

A. PEREIRA RIBEIRO.

JACINTO CANDIDO

O sr. conselheiro Jacinto Candido da Silva é, sem contestação, uma das figuras mais notaveis da politica portugueza contemporanea. Opulentado por uma intelligencia enorme, cheio de fé e de crenças, parlamentar vigoroso e de eloquencia vibrante e enthu-

siastica,—o sr. conselheiro Jacinto Candido é o homem suscitado pela Providencia para levar a bom termo a nossa causa.

Ter a coragem das proprias opiniões é hoje cousa difficil onde, se não deparamos com polemistas rijos que se confinem n'uma critica serena aos nossos principios, encontramos, em compensação, os Gavarni e os Voltaire, disparando o dardo envenenado da troça sobre as mais rectas opiniões. Actualmente não se discute, insulta-se; e se alguns catholicos sem preconceitos, ousam affrontar todos esses insultos, armados do desprezo que dá a força, é certo que o maior numero hesita, arreceia-se do insulto, suppõe-o capaz de deixar vestigios, quando, afinal de contas, só deixa o vacuo...

Por isso os catholicos praticos são muito poucos, e menos ainda o numero d'aquelles que descem com serenidade á praça publica e vão, tranquillamente, ao meio d'uma arena sulcada de doéstos e injurias, confessar a sua fé e defender a sua crença... O sr. conselheiro Jacinto Candido é um d'esses poucos homens; e os apupos do povileu embriagado que lhe morde a reputação embotam-se no fino arnez das suas crenças, como a bala mortifera se embotam n'essas coirças de ferro que são uma das maravilhas da industria moderna.

Eu não preciso recordar, n'estas poucas linhas, em que circumstancias e porque motivos o sr. conselheiro Jacinto Candido se despediu do seu partido e veio até nós, desprendido de interesses e cheio de dedicação, offerecer-se para conduzir á victoria o nacionalismo incipiente. A questão religiosa, se por muitos motivos foi um mal, observada por certos prismas foi um bem para a Igreja portugueza. Despertou a indignação n'uns, vivificou a coragem n'outros e foi assinalada por conversões de atheus reconhecidos que, talvez sem essa circumstancia que veio expor a plena luz o que é a Igreja e de que lado estava o direito, a razão e a justiça, difficilmente se teriam convertido.

Mas no sr. conselheiro Jacinto Candido não se tratava d'uma conversão; tratava-se—como exprimir-me?—d'uma renovação firme das suas crenças. Catholico, catholico convicto era elle; e foi esse até um dos óbices com que luctou quando ministro da marinha, porque o jacobinismo indigena perguntava a si proprio se um homem professando crenças catholicas estava á altura de ministro...

Não há duvida que o procedimento do sr. conselheiro Jacinto Candido, como ministro, veio illustrar os jacobinos sobre o assumpto, do mesmo passo que os assombrava. A sua administração é relembrada com saudade; não sei o que as colonias lhe devem; mas sei que a marinha portugueza lhe é credora dos mais assinalados serviços prestados nos ultimos cincoenta annos.

Seria injusto se deixasse em meia sombra dois traços característicos d'este homem politico que a meio d'uma existencia gloriosa e cheia de serviços promete ainda conduzir-nos á victoria. Esses traços são: a actividade e o espirito de organização.

Os nossos politics teem diversos modos de arranjar clientellas; mas nenhum d'elles, de per si e isolado do Terreiro do Paço, conseguiria formar um partido. São personagens commodistas, afeitos á fruição tranquilla e descuidosa da sua posição, mandriões e incapazes de insuflar vida aos que os seguem.

O sr. conselheiro Jacinto Candido é o contrario. Encarna-se n'elle a actividade, quasi assombrosa; e é um organisador de primeira ordem. Quem lhe desconhece o methodo de trabalho, o processo regular da

sua energia, as suas largas vistas sobre o partidarismo moderno, mal comprehende a sua acção politica e nacionalista.

Ora, com uma figura como esta á nossa frente, a victoria é quasi, senão certa. Já de per si a nossa causa é santa e visivelmente protegida pela Providencia, e estas duas condicções lhe assignariam um legitimo triumpho. Adicione-se agora a estas circumstancias felizes o ter-nos suscitado a Providencia um chefe como o sr. conselheiro Jacinto Candido e está explicada toda a nossa força.

G. S.

JACINTO CANDIDO

DE todo o coração me associo á homenagem que *O Progresso Catholico* quer prestar ao ex.^{mo} sr. conselheiro Jacinto Candido. Merece-a o illustre parlamentar pelos relevantes serviços dedicada e desinteressadamente prestados á causa do nacionalismo.

É de justiça reconhecer que, se não fôra a sua brilhante e corajosa attitudo na camara dos dignos pares, a causa do nacionalismo teria enfraquecido bastante, devido ao desanimo, que nas suas fileiras ia lavrando, por não se vêr um homem de valor e prestigio, entre tantos que tinham assento na camara alta, erguer alli a sua voz em defeza dos nossos principios.

Esse homem appareceu: foi o sr. conselheiro Jacinto Candido.

Ministro d'Estado honorario, indigitado para ministro d'uma proxima situação, um dos marechaes do partido regenerador, amigo pessoal do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, o sr. conselheiro Jacinto Candido esqueceu tudo isto para se lembrar de que era catholico pratico e rompeu com o seu partido politico, onde tinha logar proeminente, para servir a causa do nacionalismo, que só lhe pôde offerecer a tranquillidade de consciencia e a satisfação do seu dever de christão cumprido.

É um nobre exemplo que, por pouco seguido, mais valor tem.

Catholicos ha muitos nos partidos politicos militantes; mas catholicos que tenham a coragem e abnegação do sr. conselheiro Jacinto Candido, poucos, muito poucos.

O illustre parlamentar é, pois, credor da nossa estima, respeito e consideração porque deu incontrastaveis provas de ser um homem de bem, um catholico pratico e um caracter.

Reconheçamol-o publicamente, todos os que nos honramos com o glorioso titulo de catholicos e de nacionalistas, porque não é um favor, mas um acto de justiça.

Porque o sr. conselheiro Jacinto Candido deu incontrastaveis provas de abnegação e da sua sentimentalidade catholica vindo para o Centro Nacional, mostrando assim que não antepõe os seus interesses particulares aos interesses da augusta religião, que professa; e porque, com a sua palavra fluente e auctorisadissima, brilhante e denodadamente desfraldou a sua bandeira no parlamento, dizendo o que queriamos, o que eramos e para onde caminhavamos, conquistou os louros do mais esforçado paladino da causa do nacionalismo. Merece, por isso, que todos o armemos cavalleiro da nossa santa e patriótica causa e o proclamemos *nosso chefe*. Não é uma mercê de favor: é uma graça conquistada por serviços inilludiveis e reaes e por meritos incontestados e incontestaveis.

M. FRUCTUOSO DA FONSECA.